

O ensino do resumo na sala de aula

Isabel Solé

É importante os alunos responderem por que precisam resumir, que assistam aos resumos efetuados pelo seu professor, que resumam conjuntamente e que possam usar esta estratégia de forma autônoma e discutir sua relação. Não vou insistir no que já comentei em capítulos anteriores, embora caiba recordar que o processo de ensino e aprendizagem não difere no essencial. No caso do resumo, Cooper (1990), com base nos trabalhos de Brown e Day (1983), sugere que para ensinar a resumir parágrafos de texto é necessário:

- Ensinar a encontrar o tema do parágrafo e a identificar a informação trivial para deixá-la de lado.
- Ensinar a deixar de lado a informação repetida.
- Ensinar a determinar como se agrupam as idéias no parágrafo para encontrar formas de englobá-las.
- Ensinar a identificar uma frase-resumo do parágrafo ou a elaborá-la.

Como podem ver, são as mesmas regras que já mencionamos anteriormente e que também são úteis para encontrar as idéias principais. Pois bem, podemos considerar que o resumo de um texto pode ser assimilado ao conjunto das suas idéias principais? Se nos atermos ao processo que os especialistas determinam para estabelecê-los, sem dúvida nos encontraremos diante do mesmo procedimento, porém minha resposta à pergunta formulada é negativa. Parece-me que *o resumo de um texto é elaborado com base naquilo que o leitor determina como idéias principais, que transmite de acordo com seus propósitos de leitura*. Assim, poderíamos dizer que a determinação das idéias principais de um texto é uma condição necessária, porém não suficiente, para chegar a concretização do resumo, essa elaboração que, segundo Van Dijk, mantém relações muito particulares com o texto do qual provém.

O resumo exige a identificação das idéias principais e das relações que o leitor estabelece entre elas, de acordo com seus objetivos de leitura e conhecimentos prévios. Quando estas relações não se manifestam, deparamo-nos com um conjunto de frases justapostas, com um escrito desconexo e confuso no qual dificilmente se reconhece o significado do texto do qual procede. Daí a importância de entender as vinculações e, simultaneamente, as diferenças entre resumo, idéia principal e tema. Embora sejam trabalhados de forma conjunta com freqüência, é preciso não perder de vista que cada um deles exige determinadas intervenções e, no caso do resumo, uma reflexão sobre como se deve *ensinar a escrevê-los*.

Um resumo pode ser uma produção correta, mas “externa” ao leitor/ escritor que o elaborou; isto é, o resumo elaborado mediante a aplicação das regras já mencionadas pode “dizer o conteúdo” que está no texto de forma breve e sucinta. Por outro lado o resumo de um texto pode ser muito mais interno, no sentido de integrar a contribuição do leitor/ escritor que, mediante sua leitura e redação, consegue elaborar novos conhecimentos e obter conhecimento sobre eles. Muitas vezes, a diferença não se encontra no produto finalmente elaborado, que pode ser muito similar, mas nas estratégias utilizadas para a realização, que em um caso levam a “dizer o conhecimento” e, no outro, levam a “transformá-lo” (Bereiter e Scardamalia, 1987).

Este fato exige uma certa reflexão, pois aqui nos interessa o ensino da elaboração dos resumos. Ainda que tenhamos informações concludentes a respeito, podemos convir que, do mesmo modo que não é a mesma coisa dizer o conhecimento que temos sobre um texto através de um resumo que elaborar o conhecimento *mediante* o resumo, tampouco haverá as mesmas estratégias em ambos os casos, nem serão idênticas as situações didáticas em que todo o processo ocorre. Sem dúvida, os trabalhos sobre composição escrita (Bereiter e Scardamalia, 1987; Camps, 1990; Camps, 1991) podem iluminar esta complexa questão, cujo tratamento excede as pretensões deste livro.

Entretanto, parece-me que algumas das coisas que estabelecemos a respeito do processo de leitura e das estratégias que facilitam sua compreensão podem ser úteis, a título de hipóteses, para ajudar aos alunos não só a resumir, mas a compreender e

aprender com a elaboração de resumos – e também com a identificação das idéias principais. Quando os alunos resumem como meio para aprender, o normal é que o façam a partir de textos expositivos; nesses casos, para a elaboração de um resumo “interno” do próprio aluno, que o leve a transformar seu conhecimento, é preciso que ele aborde o que já tem e que se interrogue sobre o grau de consistência do mesmo com relação ao que foi lido. Esta estratégia (abordar o conhecimento prévio e contrastado) sempre está presente quando se trata de compreender um texto – narrativo ou expositivo; quando, além disso, queremos aprender a partir dele, poderíamos dizer que adquire categoria de finalidade, no sentido de que *necessitamos* saber até que ponto encontramos nova informação no texto e em que medida esta pressupõe uma transformação do conhecimento prévio com que foi abordado.

Ajudar os alunos a elaborar resumos para aprender, que contribuam para transformar o conhecimento, pressupõe ajudá-los a envolver-se profundamente naquilo que fazem. Não é suficiente ensinar-lhes e aplicar determinadas regras; é preciso ensinar-lhes a utilizá-las em função dos objetivos de leitura previstos e a fazê-lo de forma tal que esse processo não seja independente do contraste entre o que se sabe e o que o texto aporta. Quando se resume assim, a elaboração realizada constitui ao mesmo tempo um texto que sintetiza a estrutura global de significado do texto de que procede, um instrumento para a aprendizagem, para saber o que se aprendeu e o ponto de partida necessário para saber o que se precisa aprender. Neste sentido, o resumo torna-se uma autêntica estratégia de elaboração e organização do conhecimento (Pozo, 1990). Um aspecto fundamental, ao qual deveria ser dada maior importância, é a leitura e revisão que o autor faz de seu próprio resumo, como meio de ajudar a tornar consciente o processo mencionado.

Entendida desta forma, a atividade de resumir – tanto em estruturas expositivas como em narrativas – adquire a categoria de “técnica excelente” para o controle da compreensão, que lhe é atribuída por Palincsar e Brown (1984): se não se puder realizar uma sinopse do que se está lendo ou do que foi lido, evidencia-se que não houve compreensão. Simultaneamente, a partir desta concepção, torna-se novamente evidente

o papel ativo do leitor no processo da leitura e a influência das suas expectativas e bagagem no que compreende e no que produz a partir da sua compreensão. Como esta, resumir não é questão de “tudo ou nada”, mas relativa às características de cada leitor, à tarefa em si (que tipo de texto, com que exigências etc.) e à ajuda que recebe para realizá-la. Isto nos leva novamente à necessidade de articular situações de ensino/aprendizagem nas quais se ajude explicitamente a trabalhar com a leitura e nas quais não se dê tanta importância à unicidade das respostas mas à sua coerência e utilidade para a aprendizagem do leitor. Também nos leva a uma visão articulada e global do complexo processo que conduz à construção do significado de um texto, que não pode se reduzir a uma sequência de passos isolados.

SOLÉ, Isabel. “O resumo” In: *Estratégias de leitura*. Porto Alegre: ArtMed, 1998. 6ª Ed. pp. 147 – 149